

LINGUAGEM E LÍNGUA: UMA BREVE EXPLICAÇÃO

Juvenal Zanchetta Jr.

Uma significação básica para o termo *linguagem* é a de um conjunto de signos devidamente estruturados para o propósito da comunicação. Assim, *linguagem* não se limita ao aspecto verbal, compreendendo também outros campos, como o da imagem, do som, do tato etc. Dentro de cada um desses campos, há ainda um sem número de linguagens específicas. Quando se fala em linguagens relacionadas à imagem, por exemplo, pode-se pensar na linguagem da televisão; quanto à televisão, pode-se pensar na linguagem da telenovela, dos documentários, dos programas de auditório, dos seriados, da propaganda e assim por diante.

Um conjunto de signos passa a ser chamado de *linguagem* quando os usuários desses signos compartilham significações para os mesmos fenômenos. Na *linguagem* dos programas esportivos da televisão, por exemplo, são comuns as seguintes características, entre outras: a) o jogo é mostrado do alto, a uma certa distância, para que o espectador possa ter idéia do conjunto); b) o locutor narra o jogo passo por passo, mesmo sabendo que o espectador está vendo as imagens do jogo ao mesmo tempo em que ele; c) o locutor costuma narrar de forma mais vibrante as jogadas que potencialmente podem resultar em gol.

Aqueles procedimentos, entre outros, têm sua significação compartilhada entre o canal que apresenta e o espectador que assiste à partida: quando o locutor Galvão Bueno exagera na vibração, num jogo envolvendo a seleção brasileira de futebol, o torcedor pode ficar irritado, mas sabe que faz parte daquele código. Se não concordar, pode tentar assistir ao jogo em outro canal: vai encontrar, talvez, um locutor menos efusivo. Essas considerações parecem óbvias, mas não tanto. Imagine uma situação em que, durante jogo da seleção brasileira, válido pela Copa do Mundo, o mesmo Galvão vibre mais a cada jogada do time adversário e quase chegue ao delírio com os gols do adversário. As regras do código desenvolvido para o futebol, no caso, na TV Globo, não podem ser alteradas bruscamente, para não haver estranhamento do público.

São os costumes, as práticas comuns observadas numa determinada sociedade (em outras palavras, a cultura) os fatores determinantes para se compor as diversas linguagens que se desenvolvem nessa comunidade. A manifestação de linguagem mais complexa desenvolvida pela humanidade é a linguagem verbal. Esta, por seu turno, também se apresenta de diversas maneiras: a linguagem formal (utilizada pelo jornalismo, pela medicina etc.), a linguagem popular, a linguagem familiar, entre outros registros (que veremos mais adiante). É importante frisar que a Língua conta com regras determinadas para seu uso, nas diversas modalidades em que ela se apresenta. Mas a Língua está longe de ser um código fixo, rígido, que se pode “prender” num bom livro de gramática. A Língua é um fenômeno vibrante, que se modifica constantemente, graças à capacidade cognitiva, à criatividade e à interação entre seus falantes:

Língua é um fenômeno cultural, histórico, social e cognitivo que varia ao longo do tempo e de acordo com os falantes: ela se manifesta no uso e é sensível ao uso.[...] A Língua é uma atividade constitutiva com a qual podemos construir sentidos; é uma forma cognitiva com a qual podemos expressar nossos sentimentos, idéias, ações e representar o mundo; é uma forma de ação pela qual podemos interagir com nossos semelhantes. (MARCUSCHI, L.A. Exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de ensino de língua? *Em Aberto*, Brasília, n.69, jan./mar. 1996, p. 71-2)

Note-se, portanto, que, a Língua é uma forma de linguagem cujas características são tão ou mais dinâmicas do que a linguagem da televisão ou dos sinais de trânsito, por exemplo. A história secular da escola, com trabalho reduzido à questão formal da Língua escrita, disseminou preconceitos diversos em relação à linguagem verbal, como a desvalorização da linguagem oral e dos registros populares, entre outros.



Fonte: MARCUSCHI, L.A. Exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de ensino de língua? *Em Aberto*, Brasília, n.69, jan./mar. 1996, p. 71-72.